

M. J. ARLIDGE

Mais de 2 milhões de livros vendidos

FOGO

E

CINZAS

ELA NÃO TEM NINGUÉM COM QUEM CONTAR.

E JÁ NÃO TEM NADA A PERDER...



DIA UM

Era agora ou nunca. Se não agisse, se não *aproveitasse* esta oportunidade inesperada, poderia nunca vir a ter outra hipótese.

Selima manteve a cabeça baixa, arrastando os pés na retaguarda da fila de trabalhadoras silenciosas, parecendo aos olhos do mundo tão destroçada e apática quanto elas. Mas, dentro de si, o coração disparara. Há muito que perdera a esperança de se libertar do seu tormento, da rotina devastadora do trabalho árduo e da violência ocasional, mas o destino lançara-lhe uma tábua de salvação, uma derradeira oportunidade de alcançar a liberdade.

Não sabia ao certo o nome da mulher ferida — era uma aquisição recente e não dominava a língua inglesa —, porém, fosse quem fosse, Selima ser-lhe-ia eternamente grata. A equipa de uma dúzia de trabalhadoras, envergando um uniforme composto por um fato de treino sem graça e máscaras surradas, arrastava-se de regresso ao transporte quando a nova recruta colapsou. As pernas cederam, e ela deve ter embatido com força no chão, pois parecia estar inconsciente, com a boca descaída e os olhos revirados. Foi chocante, inesperado... e arrancou Selima do seu torpor. Até então seguira as colegas de trabalho, entorpecida, arrastando os pés rumo à carrinha, mas o desfalecimento da pobre mulher despertara-a. Selima fitou a mulher caída, a carrinha à espera, e sentiu um arrepio na espinha. Sentara-se muitas vezes na carrinha de vidros fumados, muda e desesperançada, mas esta noite o veículo parecia mais ameaçador do que o habitual. Selima tinha a forte sensação de que, voltando a lá entrar, seria engolida por completo, desaparecendo da face da Terra como se nunca tivesse existido. O pensamento atingiu-a com força, trazendo-lhe lágrimas nos olhos; era-lhe insuportável pensar que nunca mais veria os filhos e o adorado marido. Desse por onde desse, teria de resistir, teria de encontrar uma forma de *sobreviver*.

Esta era a sua oportunidade. Naz, o vigilante delas, um bandido impiedoso com cicatrizes vincadas em redor do seu olho protético imóvel,

curvara-se sobre a jovem síria, esbofeteando-a com a palma da mão áspera. Mas ela não reagiu à agressão, deixando o cúmplice que ficara junto à carrinha a contar as trabalhadoras ansioso. Irritado, e também ele preocupado, o parceiro aproximou-se imediatamente, ansioso por partir antes que alguém os avistasse. Como é evidente, isso era altamente improvável — encontravam-se numa viela decrépita a coberto da noite —, mas a ansiedade levou-o a baixar a guarda. Por momentos, as onze mulheres da fila ficaram sem quem as vigiasse, estando a trabalhadora doente a concentrar a atenção dos dois guardas. As outras pareciam não saber como reagir, furtadas da capacidade de agir face ao prolongado aprisionamento, mas Selima não ia desperdiçar esta oportunidade de ouro.

Deu um passo para a esquerda, afastando-se da fila de estátuas humanas. E depois mais outro, ficando então claramente afastada da formação. De certa forma, contou ser puxada de volta para a fila com um revólver de cano curto enfiado na cara, mas ao lançar ansiosamente um olhar de relance aos seus captores, Selima viu que os dois homens ainda estavam agachados sobre a mulher. Acelerando, afastou-se em passos leves, notando a entrada de um beco vizinho a chamar por ela. Não fazia ideia onde iria dar, mas calculou que a encaminhasse para uma rua onde haveria gente, vida, talvez um agente da polícia. Qualquer coisa — detenção, encarceramento ou até deportação — seria melhor do que isto.

— O que é que pensas que estás a fazer?

Selima prosseguiu a sua marcha, acelerando quase para passo de corrida, rezando para que a pergunta se dirigisse à mulher debilitada. Só que ao ouvir os seus guardas a erguerem-se, percebeu que fora detetada. Confirmou-o com uma espreitadela rápida por cima do ombro, vendo Naz já a correr atrás de si com o rosto contorcido por uma fúria assassina. Estava a meter a mão dentro do casaco, para retirar o quê? Uma barra de ferro? Uma arma de fogo? Era demasiado tarde para retornar à fila. Demasiado tarde para fingir que se tratara de um erro. Não seria tolerada uma rebelião deste calibre, a sua vida estava perdida, pelo que a Selima não restava outra opção.

Tinha de fugir.

Passou o indicador pelo rosto dele, deslizando suavemente desde o nariz até à boca, para de seguida lhe arrancar o charro dos lábios com destreza. Espantado, o parceiro de Helen olhou para ela, exibindo no rosto atraente uma expressão mista de indignação e diversão.

— Estava a gostar disso... — protestou Christopher, esticando um braço forte para tentar reclamar o seu prémio enquanto Helen se encostava para trás, mantendo-se fora do alcance.

— Já conheces as regras, aqui não se fuma — provocou ela, apontando com a cabeça para o interior opulento do quarto da *penthouse* do hotel.

— Não sejas desmancha-prazeres. Os detetores de fumo nunca funcionam nestes sítios.

— E, além do mais — acrescentou Helen, continuando a evitar as investidas brincalhonas dele —, é ilegal fumar marijuana. Não te ensinaram isso na Agência Nacional do Crime?

Isto fez o seu acompanhante rir à gargalhada e recostar-se nas almofadas fofas, unindo as mãos atrás da cabeça e expondo o seu peito amplo.

— Então, o que vais fazer, Helen? Prender-me? — Os olhos dele cintilaram com malícia, e acrescentou: — Oh, não, espera lá, não podes, pois não...

Helen semicerrou os olhos. O relacionamento com Christopher começara há poucos meses, mas ao longo desse período ele mostrara que gostava de a provocar pelo seu exílio autoimposto das forças da lei. Ele era um contabilista forense experiente que ajudava a desvendar delitos financeiros de gangsters e vigaristas, ao passo ela se afastara de uma carreira plena de louvores enquanto chefe da Equipa de Crimes Graves da Esquadra Central de Southampton. Abandonara tudo por uma questão de princípios e nem por um minuto se arrependia da decisão tomada, mas as farpas bem-humoradas dele ainda a afetavam, deixando-a insegura quanto à sua identidade, ao papel a desempenhar

na sua própria vida. Já não era a inspetora-chefe Helen Grace. Era simplesmente... Helen.

Parecendo ler-lhe a mente, o seu parceiro de cama prosseguiu:

— Fazemos assim: e se em vez de me intimidares como uma mestre-escola rezingona — Helen franziu a testa, mas Christopher continuou — desses antes uma passa? Não te mata. Até pode fazer-te bem. Tens andado muito tensa.

Ele foi demasiado lento a reagir, e Helen, agarrando de repente numa almofada com a mão livre, acertou-lhe na bochecha. Rindo-se, ele foi-se defendendo do ataque sem parar de a provocar.

— Força! Só uma passinha, desafio-te...

Helen lançou-lhe um olhar fulminante, ainda segurando o cigarro aceso. Sempre fora fumadora, pelo que não seria uma grande diferença, mas nunca fora adepta de drogas. Ainda assim, um desafio era um desafio.

— Como queiras...

Levando o charro aos lábios, inspirou fundo, enrolando o fumo na boca, para depois o deixar sair pelas narinas em leves plumas a flutuar no ar.

— Contente? — quis ela saber, devolvendo-o ao companheiro.

— Delirante — respondeu, fitando-a com afeto enquanto assentava a mão na anca dela, deslizando o polegar sobre o brilho sedoso da camisa de dormir. — E tu?

Apanhada de surpresa pela pergunta, Helen hesitou na resposta. Não era algo em que já tivesse ponderado, pois a sua agitada vida laboral não lhe facultava tempo para introspeções. Mas agora, livre de obrigações, todas as possibilidades pareciam em aberto. Podia fumar drogas, podia passar longas noites a fazer amor em quartos de hotel caros, podia ser feliz. Até podia ficar caidinha por alguém, um luxo a que nunca se permitira.

— Estou a safar-me bastante bem — respondeu com um encolher de ombros. — Nada de especial, mas suficientemente bom...

Era uma provocação descarada e Christopher reagiu de pronto, franzindo o rosto ao espetar o charro num copo vazio.

— E o que seria preciso para te fazer verdadeiramente feliz, Helen Grace? — questionou ele, deslizando a mão pelo flanco dela e roçando-lhe o seio.

Helen nada disse, enquanto o polegar desviava rumo ao mamilo. Foi percorrida por um tremor de prazer e aproximou-se, procurando os lábios dele com os seus, desfrutando do seu hálito quente e fumado. Sentia o desejo dele, a luxúria a apoderar-se de ambos e, sem aviso, ele recuou, virando Helen de barriga para cima. Agora, era a vez de ele se pôr em cima dela, beijando-a com fervor, mas Helen já contava com este movimento e usou em seu proveito o impulso descendente dele, rolando de repente para a esquerda para o virar de costas. Apanhado de surpresa, Christopher tentou protestar, mas sabia que era escusado, que fora derrotado. Helen desejava-o, sentindo uma nova vaga de prazer a pulsar em si ao descer sobre o seu amante, mas teria de ser nos termos dela. O mundo dela estava em mudança, a sua vida em constante movimento, mas gostava de controlar.

Há hábitos difíceis de perder.

Ela correu pela rua às escuras como se a sua vida dependesse disso. Depois de, momentos antes, ter irrompido da viela suja, Selima apercebera-se com horror que a pacata rua residencial se encontrava deserta, sem uma alma que fosse à vista a uma hora tão tardia. Por momentos, sentiu-se perdida — tivera a certeza absoluta de que encontraria ali a sua salvação —, mas não podia demorar-se, com os perseguidores à perna. Por instinto, guinou velozmente para a esquerda, seguindo a grande velocidade pelo passeio. Selima era jovem, estava em forma e sentia-se desesperada — tal combinação decerto acabaria por levá-la à liberdade, para longe do terrível pesadelo que a atormentava desde há dois anos. Contudo, os passos implacáveis atrás de si recordaram-lhe que o perigo ainda rondava, que os seus carrascos não desistiriam até lhe deitarem de novo a mão.

Percorrida por uma torrente de adrenalina, Selima acelerou, recorrendo a todas as suas forças para se distanciar dos perseguidores. Mais adiante, distinguiu semáforos, um cruzamento e carros a circular. Estariam a uns trinta metros, talvez um pouco mais, mas levaria menos de um minuto a chegar lá. Assim que lá chegasse, poderia atirar-se para a frente de um carro, arriscando tudo para chamar a atenção de alguém. Seria uma medida desesperada, perigosa, mas presumivelmente levaria os seus verdugos a pensarem duas vezes antes de a atacarem na presença de dezenas de pessoas. Com certeza que poderia confiar na bondade dos condutores que passavam. É certo que não conhecera a bondade ou generosidade desde que pisara este país desgraçado, mas as gentes comuns de Southampton seriam certamente decentes e afetuosas como qualquer outra pessoa. Pelo seu bem, assim esperava.

Saída do nada, uma mão tentou agarrar-lhe o braço em movimento. Gritando de medo, Selima percebeu que Naz se encontrava praticamente em cima dela, com as suas invetivas ofegantes a ecoar-lhe no ouvido. Aterrorizada, virou à direita, abandonado o passeio e enfiando-se entre

dois automóveis para alcançar a rua. Naz, surpreendido com este movimento, hesitou, o que permitiu a Selima conquistar um escasso, mas precioso avanço ao correr para o cruzamento adiante. Encontrava-se agora a uns cinquenta metros e se mantivesse a velocidade sem dúvida que chegaria lá primeiro.

Para seu grande alívio, surgiu à frente um veículo a virar para a rua, encadeando-a com os faróis. Vinha diretamente na sua direção, e Selima acenou freneticamente com as mãos acima da cabeça, numa tentativa desesperada de chamar a atenção do condutor.

— Ajude-me! *Pare*, por favor...

A sua voz soou estridente e rouca, mas surtiu efeito, pois a viatura travou de repente. Aliviada, Selima abrandou, agradecendo aos céus a sua boa fortuna. Mas os faróis apagaram-se e deu para ver a forma da viatura, arrasando todas as esperanças de Selima. Era a carrinha branca. O comparsa de Naz cortara-lhe a rota de fuga. Neste preciso momento, ele descia da cabina, conforme o seu aliado se aproximava dela por trás.

— *Min xilas bike, Xudan...*

Selima sussurrou só para si a oração enquanto passava os olhos pela rua em busca de uma forma de escapar. E, para sua surpresa, a sua súplica desesperada obteve resposta, com a fugitiva aterrorizada a detetar um atalho logo à direita, que dava diretamente para a rua. Selima não hesitou, guinando à direita, no momento em que Naz se lançou de novo na sua direção. Desta vez, os dedos conseguiram firmar-se, agarrando o tecido macio do top dela, mas Selima libertou o braço com um puxão e correu, em busca do abrigo da viela.

Na sua fuga desesperada, cambaleou, chocando contra as paredes. Ouvia agora dois conjuntos de passadas na sua peugada e esforçou-se por se manter distante dos furiosos perseguidores. A viela estava pejada de lixo, mas saltando sobre os detritos alcançou a ponta, saindo de novo para o ar noturno. Abriu-se diante dela uma nova vista, embora não muito mais apelativa. No seu desespero por escapar, Selima deixou para trás as ruas da cidade, para se enfiar numa galeria comercial. Durante o dia, o lugar estaria à pinha, mas a uma hora tão tardia as lojas encontravam-se encerradas, com as grades de segurança baixadas. Estava encurralada. Pior ainda, estava sozinha.

Mas, estaria mesmo? Ao adentrar mais no espaço vazio, avistou algo mais adiante. Algo que lhe deixou o coração aos saltos. Era uma luz. Não, mais do que isso — era uma loja! Desatando de novo a correr, fixou o olhar na placa que anunciava *kebabs* a brilhar na escuridão, atraindo a atenção do pessoal que saía à noite. Não percebeu ao certo se ainda se encontraria aberto, ou se seria sequer bem-vinda, mas Selima pressentiu que ficaria em segurança se lograsse alcançar o refúgio daquele restaurante noturno.

Engolindo o medo, Selima correu na direção da luz.

Enfeitiçada com o cintilar das luzes lá em baixo, Helen observou a cidade. O hotel fora escolhido por Christopher, com a aprovação dela. O Mayflower era um novo hotel *boutique* nos limites do Watts Park, onde as *penthouses* dispunham de vistas fantásticas sobre Southampton. A vista era particularmente encantadora à noite quando a paisagem citadina despertava para a vida, uma massa de brancos, amarelos e vermelhos cintilantes. Helen poderia ficar ali horas a observar os carros, o pessoal em saídas noturnas, imaginando onde poderiam ir, com quem, que prazeres os aguardariam.

Cingindo o roupão felpudo, Helen não poderia negar que se *sentia* contente. A felicidade sempre representara para ela um conceito vago. Não era algo em que tivesse muita experiência, nem algo com que contasse. Mas apesar de ainda se sentir perturbada com as dúvidas quanto ao seu futuro e culpada por abandonar Charlie e os colegas da Esquadra Central de Southampton, não podia negar que *apreciava* certos aspetos da sua nova vida. O tempo para si própria, para explorar novas coisas, para tentar aguentar um relacionamento adequado e funcional. A sua ligação a Christopher ainda ia nos seus primeiros dias, mas o algoritmo da aplicação de encontros que os emparelhara aparentemente acertara. Eram praticamente da mesma idade, tinham um passado nas forças da ordem e ambos apreciavam refugiar-se ocasionalmente do mundo, por norma num hotel sofisticado. Helen sabia que os seus fundos não durariam para sempre, que a dada altura teria de pensar num futuro emprego, mas pelo menos por ora estava grata por poder saborear o momento.

Encostando a cabeça ao vidro, deixou o olhar vaguear por Southampton, buscando novas distrações. Christopher estava no duche, pelo que podia desfrutar de um momento de solidão. Sorrindo, olhou de um lado para o outro, como o holofote de uma prisão em busca de sinais de vida.

Até que detetou algo que a deixou de imediato em alerta. Uns trinta metros mais abaixo, numa galeria comercial às escuras, uma jovem corria a grande velocidade, espreitando com frequência para trás. Instintivamente, Helen encostou-se ainda mais ao vidro. O que raio fazia aquela mulher num local deserto a uma hora tão tardia? E fugia de quem?

Pouco depois, obteve a resposta, quando surgiram dois vultos encorpados a correr atrás da mulher em fuga. Helen sentiu o corpo a retesar, com uma série de perguntas indesejadas a saltarem-lhe à mente. Porque é que a perseguiam? E o que pretendiam fazer-lhe na eventualidade de a apanharem? Helen deu por si a sussurrar palavras de incentivo à fugitiva, incitando a jovem a manter-se à frente dos seus perseguidores e, então, para seu grande alívio, viu a mulher a chegar a um *takeaway* de *kebab*, o único estabelecimento ainda de portas abertas. Helen observou com atenção a mulher a desaparecer no seu interior. Contudo, a sua sorte esgotou-se ao ser seguida pelos dois homens, que depois a puxaram para o pátio da galeria. Enquanto ela se debatia para se libertar das garras deles, apareceu um homem à porta do restaurante, com um avental de cozinheiro sobre uma t-shirt cor-de-rosa brilhante, porém, nem fez menção de intervir, permanecendo paralisado no local.

Helen sentiu o coração a martelar no peito. Com certeza que o dono do *takeaway* iria intervir? Ou, pelo menos, chamar a polícia? Mas, para seu horror, nada fez, observando impassivelmente os dois rufias a atirarem a mulher ao chão. A vítima pôs-se de imediato de joelhos, unindo as mãos a suplicar por misericórdia. Só que, claramente, eles não eram do tipo misericordioso. Helen arquejou quando um deles retirou do bolso do casaco algo que se assemelhava a uma corrente de bicicleta. Terá Helen imaginado que ouviu um grito, com a mulher a guinchar de medo e desespero? De uma forma ou outra, o terror dela não a salvou, pois o homem açoitou-a com toda a força com a corrente.

Helen já se pusera em marcha, correndo para a porta quando Christopher saiu da casa de banho, a secar o cabelo com uma toalha.

— Ei, onde é o fogo? — gritou quando ela passou a correr à sua frente.

Helen não respondeu, abrindo a porta e correndo pelo corredor fora. Atrás dela, ouviu Christopher a chamar, mas seguiu em frente,

alcançando a saída de emergência e acedendo às escadas. Talvez fosse mais sensato apanhar o elevador, mas Helen não podia arriscar uma demora, convencida de que todos os segundos contavam.

Voou pelos degraus, saltando de quatro em quatro, com uma série de interrogações a atormentar-lhe a mente. O que fizera aquela mulher para os deixar irados? Porquê agredi-la com tal violência? E como é que nem tentaram disfarçar, aparentemente alheados de potenciais testemunhas do crime deles? Consumida pelo desejo de compreender, de intervir, Helen irrompeu no átrio, levando o gerente da noite a revirar os olhos. Ofegante e suada, correu em frente, com o roupão a esvoaçar atrás dela ao avançar para a saída. Frustrada, desfez-se do mesmo, correndo pelo átrio na sua camisa de noite de cetim. Uns segundos mais tarde já estava na rua, parando por uns momentos até ver um atalho mal iluminado atravessar o espaço de lojas. Atravessando a rua a correr, com os pés descalços sobre o asfalto, Helen libertou-se de todos os pensamentos de perigo, sumindo na passagem decrépita.

Mergulhada de repente numa escuridão sombria, Helen seguiu em frente, mal se detendo quando pisou algo pontiagudo. Alheando-se do desconforto, seguiu caminho, convencida de que o castigo infligido à desconhecida seria bem pior. O corredor parecia não ter fim, mas Helen finalmente desembocou na galeria desordenada, olhando freneticamente à sua volta. Deu de imediato com eles, um grupo obscuro a uns quinze metros dela. Contara ouvir gritos, uma luta, sinais de vida, mas para seu horror a mulher jazia inerte no chão, com o ofegante agressor curvado sobre ela.

Helen não hesitou, lançando-se na direção dos vultos aglomerados, acelerando a cada passada. Atlético, ágil e veloz, quase não fez ruído e só no último momento, quando o bandido desprezível ergueu o braço para mais um golpe, é que terá dado pela aproximação dela. A expressão dele alterou-se de repente, com o alarme por ver uma intrusa a abeirar-se logo substituído por choque ao tentar processar a imagem de uma mulher espantosa de camisa de noite a lançar-se a ele. Antes de ele conseguir reagir, Helen saltou e voou, para assentar um pé com força em cheio no peito dele. O homem caiu para trás, aterrando pesadamente de costas e arquejando em choque. O efeito surpresa revelou-se um aliado para Helen e ela avançou com determinação, pisando com o calcanhar

a bochecha exposta do bandido estendido no chão, pregando-lhe a cabeça ao chão. Atordoado com a dor, por momentos pestanejou estupidificado para o céu noturno, antes de se virar entre gemidos e lamúrias. Helen não lhe prestou atenção, pois escutou passos atrás de si. Virando-se, viu o outro bandido a lançar-se a ela. Era claramente um guerreiro das ruas, com várias cicatrizes em volta do olho esquerdo protético, e estava determinado a magoá-la gravemente.

— Não sei quem pensas que és, mas...

Não passou daí, com o potente pé direito de Helen a acertar-lhe em cheio na virilha. O agressor gemeu com um esgar de dor. Contudo, Helen não se incomodou a ser piedosa, dando-lhe um soco no estômago para logo de seguida lhe aplicar uma cotovelada na nuca. Com um gemido deplorável, ele tombou no cimento, inconsciente.

Virando-se, Helen correu para junto da vítima, estendida no chão, imóvel. Helen ajoelhou-se ao seu lado e com cuidado ergueu a mulher ferida do chão, aconchegando-a nos seus braços. O rosto da jovem estava ensanguentado e pisado, o corpo tremia com as dores, mas permanecia viva, o que foi um alívio, dada a brutalidade prolongada da agressão. Preocupada ao nível do desespero, Helen gritou ao dono do *takeaway* para que chamasse uma ambulância, mas reparou que o estabelecimento se encontrava agora mergulhado na escuridão, com a tabuleta de «fechado» bem visível.

— Mas que m...

Helen ia dirigir-lhe uma torrente de impropérios, mas nesse momento a mulher nos seus braços tossiu violentamente, com salpicos de sangue a escorrerem-lhe dos lábios.

— Está tudo bem, querida, tu vais ficar bem — entoou Helen, esforçando-se por soar tanto quanto possível amistosa e positiva. — Vamos arranjar quem te ajude. Vais ficar bem.

Os olhos da mulher giraram até por fim assentarem em Helen, sendo a sua expressão um misto de dor e confusão.

— Sou amiga — assegurou-lhe Helen. — E vou levar-te daqui. Mas preciso que te levantes. Achas que és capaz?

Helen arrependeu-se então de ter saído sem telemóvel ou qualquer meio para chamar por ajuda. Teriam de regressar à rua, ou ao hotel logo atrás, e teriam de ser rápidas, antes que os atacantes se recompusessem.

Mas a mulher nos seus braços não deu sinais de reagir, mal dando pela presença de Helen.

— Podes dizer-me o teu nome? — perguntou Helen, recordando as bases do seu treino. — Como te chamas?

E Helen apercebeu-se então de uma reação, com a mulher a erguer a cabeça, tentando falar, mesmo através de uma confusão de dentes partidos.

— Selima — sussurrou, antes de soçobrar nos braços dela.

Helen assentiu com a cabeça e mostrou-lhe um sorriso caloroso. A mulher ferida aparentava uns 20 e poucos anos e tinha um ar centro-asiático ou mediterrânico, com cabelo preto e olhos de um castanho intenso. Helen ficou intrigada com as pequenas tatuagens que ostentava no queixo e na testa — uma cruz e uma gazela —, mas as explicações teriam de ficar para mais tarde. O importante agora era escaparem dali.

— Muito bem, Selima. Chamo-me Helen e vou ajudar-te, mas tens de te pôr em pé. Sei que estás com dores, mas temos de *tentar*. Achas que consegues fazer isso por mim?

Selima voltou a erguer a cabeça. Pareceu querer dizer algo, mas acabou por não conseguir, pelo que se limitou a assentir, tentando levantar um pouco mais a cabeça.

— Isso mesmo, devagar e com cuidado...

Helen enfiou a mão por trás das costas de Selima, tentando içá-la do chão. Por momentos, Selima pareceu reagir, com um sorriso corajoso a repuxar-lhe os lábios. Então, de súbito a sua expressão mudou por completo, ensombrecendo, de novo tomada pelo pânico. Confusa, Helen fitou-a por uns momentos, até se aperceber da gravidade do seu erro. Convencida de que um dos agressores de Selima se erguera, Helen virou-se para olhar para trás, mas mal se moveu levou um golpe forte na nuca. O seu corpo foi projetado para o lado, com a cabeça a rodar, mas apanhou com um segundo golpe, que a projetou contra o chão. Bateu de cara e com força no cimento, rasgando-lhe a pele da bochecha, enquanto os seus braços largavam a companheira ferida. Arquejando e sufocando, Helen soergueu um pouco a cabeça, mas sentiu o mundo a girar, com as trevas ameaçando engolfá-la, e caiu para trás com um baque.

Ficou ali estendida no cimento empoeirado, a respirar sofregamente. Sentiu-se nauseada e desorientada, mas, mesmo baralhada, ouviu Selima

uma vez mais a gritar. Reunindo as forças que lhe restavam, Helen tentou levantar-se, primeiro esforçando-se para se pôr de joelhos e depois de pé, cambaleando. O chão da galeria pareceu balançar à frente dela e Helen cambaleou para o lado como se seguisse no convés de um navio em movimento. Sentiu o vômito a subir-lhe pela garganta, não via com clareza e ao levar a mão à nuca os dedos sentiram o sangue quente e pegajoso. Por momentos, teve a certeza de que ia desmaiar, mas mesmo assim avançou, seguindo o som do sofrimento de Selima.

Estava tudo turvo, só via contornos, cores e formas, mas mesmo confusa, Helen percebeu que Selima estava a ser arrastada. Ouviu então um novo som, o trabalhar de um motor, o ruído de uma viatura a travar com violência. Tentando desesperadamente focar a visão, Helen conseguiu distinguir a forma tênue de uma carrinha branca, com as luzes de travão acesas voltadas para ela. Ouviu portas a abrir, um grito, e depois as portas a serem fechadas com força. Helen percebeu exatamente o que se passava e tentou concentrar-se no veículo, mas a matrícula estava muito distante, demasiado indistinta para que a pudesse ler. Pior ainda, mesmo com a sua visão alterada, conseguia ver a carrinha a afastar-se, arrancando a grande velocidade. Desolada, Helen gritou, erguendo um braço em desespero como se pudesse travá-la-la, conseguindo apenas desequilibrar-se. Assustada, Helen tombava agora para a frente, incapaz de se deter, primeiro o tronco, depois a cabeça, chocando com violência no solo.

E tudo se apagou.

Estava deitada no chão, consumida pela escuridão. Selima sentia dores por todo o corpo, tinha o rosto inchado e ensanguentado, mas mesmo assim forçou-se a abrir os olhos. Quis convencer-se de que permanecia viva, mas, mais do que isso, desejava que alguém a ajudasse, que lhe aliviasse o sofrimento. Já fora enfiada muitas vezes na escuridão desta carrinha, com a ausência de janelas a deixar o interior escuro como breu, mas ao longo de semanas e meses treinou-se a penetrar a escuridão, a identificar individualmente, entre o grupo de trabalhadoras, as suas companheiras constantes no sofrimento.

Soluçando discretamente, Selima procurou-as, com os seus olhos cansados a percorrerem cada rosto em busca de uma expressão de compaixão, de uma palavra de consolo. Mas não houve nenhum movimento, nenhuma reação das suas companheiras de cativeiro, apenas onze pares de olhos hostis em redor dela, a respetiva raiva, claramente a censurá-la. Por momentos, Selima achou que seria imaginação sua, mas depois uma voz sibilante deixou bem claro o estado de espírito coletivo.

— O que é que fizeste?

O resto da viagem decorreu numa desolação absoluta. Selima sonhara com a libertação, ousara imaginar que poderia pôr fim a este terrível pesadelo, mas apostara e perdera. Agora, iria pagar bem caro.

Cerrou os olhos com força, esperando no fundo do coração dissipar dessa forma a horrível realidade, a opressiva sensação de desastre. Quiçá quando voltasse a abri-los já tivesse regressado aos aposentos gélidos e os acontecimentos terríveis da noite não passariam de um pesadelo, de um lembrete a alertá-la para não pisar o risco. Mas a dor nas bochechas, no peito e nas pernas não lhe permitiram alimentar essa fantasia desesperançada.

A carrinha abrandou, e voltou a acelerar, saltitando na estrada irregular. A cada solavanco e sacudidela o medo de Selima intensificou-se. O que iria ela fazer? O que iria dizer? Como poderia fazer-se ouvir ao

suplicar pela vida? Por norma, invocaria os filhos, apelando por clemência, só que sabia que seria em vão. Deveria oferecer-se para trabalhar à borla? Ou rebaixar-se mais de outras formas para assegurar a sua sobrevivência? Mas tais ideias definharam à nascença. Esta noite não haveria indulto, nem salvação.

A carrinha estremeceu com a travagem repentina e o motor desligou-se. Um momento de silêncio, a tensão a intensificar-se, e de repente as portas traseiras do furgão foram escancaradas. As luzes de segurança que delimitavam o perímetro do local banharam o interior da viatura, revelando as expressões hostis de quem a rodeava, mas não foi nelas que Selima focou a sua atenção. Em vez disso, o seu olhar incidiu na presença escultural que ocupava a entrada. A mulher que as alojava, controlava e rebaixava. Uns meses antes, Selima escutara um dos guardas deixar escapar o verdadeiro nome dela — Leyla —, mas toda a gente a tratava por «Chefe».

— Tudo cá para fora — rugiu Leyla, gesticulando, furiosa, para as ocupantes da carrinha.

As outras trabalhadoras entraram de imediato em ação, apressando-se a obedecer. Levantando-se a custo, Selima acatou a ordem, com a esperança de que a sua captora ainda não tivesse sabido da sua tentativa de fuga fracassada.

— Tu não — sibilou a captora.

— Por favor... por favor, não foi por mal — balbuciou Selima.
— Eu... estou... perdida, confusa.

Sem lhe responder, Leyla inclinou-se e agarrou-a pelo cabelo. Selima gritou de dor, mas a agressora praticamente não reagiu, resmoneando zangada ao puxá-la da carrinha. Por momentos, o ar fresco foi um alívio, mas Selima nem teve tempo para desfrutar, pois foi forçada a marchar pelo pátio empoeirado.

— As restantes, sigam-me — rugiu Leyla, estugando o passo.

Selima nada via, com o rosto voltado para o chão numa dolorosa chave de braço, mas sabia que as restantes obedeceriam. Esta mulher, esta mulher cruel e selvagem, era a deusa do mundo delas, a arquiteta das inúmeras indignidades a que eram sujeitas e das poucas migalhas de conforto de que desfrutavam.

— Por favor, lamento... lamento...

Selima sabia que tinha de dizer algo, implorar pela vida.

— Eu faço qualquer coisa... tudo o que quiser.

— Agora é tarde.

— Perdoe-me...

De repente, estacaram. A sua verduga ergueu Selima, agarrando o rabo de cavalo com força ao virar o rosto dela para o seu, os narizes quase se tocando.

— Puta ingrata — rosnou Leyla. — Podias ter-te safado bem aqui, amealhado algum dinheiro para a tua família de rafeiros, mas estragaste tudo. Ofereci-te um lar, um salário, um futuro, mas deitaste tudo a perder. Agora, vais ter de pagar bem caro.

Leyla mostrou um sorriso malicioso, levando Selima a espreitar ansiosa por cima do ombro, para a máquina volumosa logo atrás delas. Sentiu-se de imediato tomada pelo terror, toda ela consumida pelo medo.

— Por favor, imploro-lhe...

Empurrando furiosamente a cabeça dela para baixo, Leyla voltou a avançar. Agora Selima gritava, contorcendo-se violentamente no aperto firme, mas sem sucesso. De nada lhe valia resistir, o seu destino estava inapelavelmente traçado. Viu Leyla a estender o braço, baixando a alavanca do fecho para abrir a porta amolgada.

— Não, não...

Selima cravou os pés no chão, empenhada em salvar-se de um destino pior do que a morte. Mas uma pancada forte na barriga da perna levou a que afrouxasse a força e viu-se a ser empurrada para o interior do enorme aparelho metálico.

Tropeçando na soleira da porta, Selima foi projetada para a frente, caindo com estrondo no chão imundo do interior. Ciente do terrível apuro em que se encontrava, desajeitadamente tentou levantar-se, virando-se para fugir pela porta aberta. Só que, antes de lograr mover-se, a porta pesada foi fechada com força, com o trinco da fechadura a tombar de pronto, deixando-a presa.

Desta vez, a escuridão era absoluta.

— **T**êm de me deixar ir embora.
 Os paramédicos olharam incrédulos para Helen.
 — Estão a *perceber*? — Helen insistiu com veemência, esforçando-se por impedir que o interior da ambulância girasse. — Há uma... uma situação que tenho de resolver. Algo que não pode esperar.
 — A única situação que tem de resolver é a sua — ripostou o paramédico mais velho, com um brilho gentil no olhar. — Concentremo-nos nisso, pode ser, minha querida?

Na realidade, Helen sentia dificuldade em concentrar-se no que quer que fosse. Sabia que sofrera uma concussão e que perdera sangue, mas para lá disso eram vagos os pormenores da sua provação. Não se recordava de quantas vezes fora atingida, apenas que a corrente de ferro dos agressores lhe acertara bem e com força.

— Esqueçam-me — disse Helen, engasgada, descartando a intervenção dos paramédicos. — Há uma jovem que corre perigo real. Acabou de ser brutalmente agredida e enfiada à força numa carrinha. *Temos* de encontrá-la.

As palavras foram proferidas a grande custo e ficou sem fôlego. No entanto, uma vez mais as suas súplicas foram recebidas com um misto de surpresa e preocupação.

— Onde é que isso aconteceu? Está a dizer que houve um ataque? — interveio a jovem paramédica.

— Foi na galeria comercial. Onde me encontraram.

— Não vimos ninguém — reagiu ela, intrigada. — Sem contar, claro, com as duas senhoras simpáticas que a encontraram...

— Não, não, nessa altura já teriam partido... — frisou Helen num tom débil, de repente bem ciente de que deveria soar como uma louca.

Lançando-lhe um olhar intrigado, o paramédico mais velho reencontrou na conversa.

— Helen, posso perguntar-lhe se bebeu esta noite?

Ela negou abanando a cabeça com veemência, para de imediato se arrepender.

— Já não bebo há mais de trinta anos — respondeu, irritada.

— E drogas? — insistiu ele. — Ingeriu algo?

— Por que raio haveria de fazer isso?

— Muita gente faz — respondeu ele, sem julgamentos. — E como é bem evidente teve uma noite animada, como tal...

Perplexa, Helen fitou-o, para depois baixar os olhos para se observar a si própria. Estava magoada e pisada, descalça e desgrenhada, com apenas uma minúscula camisa de noite a preservar-lhe a modéstia. Suada, despenteada, com a maquilhagem borratada e dificuldade em focar o olhar, Helen percebeu de repente que devia estar com um aspeto péssimo.

— Acham que estive na farra? — contrapôs, irada. — É isso que acham que justifica o meu aspeto?

— Não me interessa o que andou a fazer — reagiu ele com cautela, nitidamente assustado com a crescente fúria dela. — Sinceramente, não é da minha conta. Simplesmente, assumi...

— Pois, mas não foi nada disso — interrompeu Helen, com dificuldade em conter a frustração. — Estava no Mayflower e do meu quarto vi uma mulher a ser agredida. Vim em auxílio dela e acabei neste estado. — Apontou para a cabeça, de novo com náuseas e tonturas.

— Certo... OK... é só que parece que se desequilibrou e bateu com a cabeça. Tem a certeza absoluta de que não foi isso aconteceu? Porque se foi esse o caso, não é motivo para ter vergonha. Passamos a vida a ver disso, não é, Sheila?

A colega dele anuiu de forma lacónica, claramente menos compreensiva com bêbedos noturnos do que o parceiro mais experiente.

— Deixem-me ser muito clara — sibilou Helen, tentando controlar a fúria. — Vi uma agressão violenta, não, na verdade foi um rapto...

Esta ligeira alteração na história contada por Helen gerou uma troca de olhares breve e intensa entre os paramédicos, mas ela prosseguiu.

— Portanto, intervim. Sou polícia, certo? Foi para isso que fui treinada, por isso porem de me tratar como uma bêbeda qualquer e deixem-me ir embora. Não têm o direito de me manter aqui, de mãos e pés atados. Não fiz nada de mal.

— Nós *sabemos*. Só a prendemos para a impedir de cair da maca e magoar-se ainda mais. Estamos a chegar ao hospital. E se lhe fizéssemos um exame e logo vemos como está? O que lhe parece?

Em agonia, Helen tentou libertar-se das amarras, urrando em frustração. Quando se calou, deu com a paramédica a fitá-la com astúcia.

— Diz que é agente da polícia?

O seu tom soou calmo, mas carregado de ceticismo. Obviamente, não era comum dar com agentes da polícia em roupa interior tombados com a cara enfiada na sarjeta.

— Sim. Bem, fui, até há uns tempos. Inspetora-chefe da Equipa de Crimes Graves da Esquadra Central de Southampton.

— Mas já não é?

— Não, demiti-me há seis meses, mas não é isso que está aqui em causa. O que está em causa é que sei o que digo e é a mais pura das verdades, por isso, por favor, parem esta ambulância e deixem-me sair. *Tenho* de a encontrar...

Seguiu-se um longo silêncio, interrompido apenas pelo guincho da sirene no alto. Os paramédicos entreolharam-se, com o mais velho claramente a tentar perceber como reagir. Mas acabou por ser a sua colega a falar primeiro.

— Olhe, Helen, levou uma forte pancada na cabeça. E se a examinarmos primeiro para depois conversarmos sobre a rapariga desaparecida?

A condescendência dela revelou-se esmagadora, não havia volta a dar.

Helen não tinha escapatória.

Esmurrou com força a porta metálica, desesperada por se escapar.
 — Deixem-me sair.
 A voz de Selima ainda denotava vigor, ao contrário do corpo maltratado, e o seu ataque à porta enfraquecia a cada golpe penoso.

Era impossível sair daquele túmulo, com a porta de metal assim trancada.

Acalma-te, acalma-te...

Selima afastou-se da porta, massajando os punhos latejantes, rezando para que tudo ainda se pudesse resolver. Estava tudo bem, tudo iria correr bem. Sim, Leyla era cruel, mas não era louca. Não queria realmente concretizar isto. Tudo não passara de uma encenação — para aterrorizar e para avisar as outras para pensarem bem antes de se insurgirem. Se Selima aguentasse a noite, amanhã deveria ser libertada, depois de cumprido o seu castigo. Só tinha de se manter forte.

Sentando-se no chão sujo coberto de cinza, Selima começou a cantarolar para si mesma canções reconfortantes da infância. Recordou de imediato a sua terra natal, a soalheira Sirnak, com a mente a encher-se de imagens da sua família. O traquina Azwer, o amoroso Rojan e a determinada Yezda. Fora abençoada com filhos que a deixavam orgulhosa. Iriam tornar-se fortes, ambicioso, prósperos — tudo aquilo que ela nunca fora. Se de alguma forma os ajudou ao fazer estes sacrifícios, abandonando a sua adorada Turquia em busca de trabalho, então talvez, talvez, tenha valido a pena.

Sim, era isso que ela tinha de fazer. Tinha de se concentrar em coisas esperançosas, coisas positivas, que a ajudariam a aguentar a noite. Então, assim que chegasse a manhã, assim que fosse libertada deste horrível...

Selima paralisou, e de um momento para o outro evaporaram-se todos os pensamentos acerca dos filhos. Estaria a sua mente a pregar-lhe partidas ou ouvira realmente um rangido assustador? Retesou-se, com

os sentidos em alerta total, e para seu horror voltou a ouvir. Um gemido metálico longo e esforçado quando a máquina despertou para a vida.

Selima levantou-se de imediato, uma vez mais avançando desastrosamente às cegas na direção da porta. Chocou com violência na superfície metálica e ressaltou para trás, para então se recompor e procurar o contorno da porta. Onde raio estaria? Pensou que tinha percorrido o mesmo trajeto, mas ter-se-á desorientado. Depressa bateu a parede para se orientar, agarrando-se em desespero ao metal enquanto no interior mergulhado numa escuridão absoluta começaram a ecoar pancadas insistentes. Seria imaginação de Selima ou a temperatura já estaria a subir?

Em pânico, continuou a avançar pelo engenho cilíndrico, com a mão que seguia na dianteira agora a chocar com força no caixilho da porta. Praguejando, chupou a mão, sentindo na língua o sabor metálico do sangue, mas uma ferida superficial era a menor das suas preocupações. *Tinha* de fugir dali.

O tinido metálico passou a um zumbido lento e insidioso, com toda a incineradora aparentemente a latejar com um propósito mortífero. Dando com um ponto de apoio no cimo da porta, Selima puxou o metal com força, esforçando-se ao máximo por dobrar a borda na sua direção. O mais leve movimento poderia bastar para desligar a máquina, quiçá até para lhe facultar uma oportunidade de fuga, se conseguisse fazer algo na fissura. Mas o aço duro não cedeu, resistindo com teimosia ao ataque dela. Já a suar intensamente, Selima redobrou o esforço, sentindo o ar denso e quente em seu redor.

Gritando de terror e exaustão, Selima largou, derrotada. Passando os dedos pela borda da porta, deu com outro suporte para a mão e, apoiando o pé na parede adjacente para ganhar alavancagem, puxou com toda a sua força. Por dez segundos, vinte segundos, trinta segundos, e mais, manteve a sua luta desesperada, mas uma vez mais o seu esforço foi em vão e deixou-se cair de joelhos, com os olhos marejados de lágrimas. Não podia acabar assim, pois não? Com a sua grande aventura a terminar da forma mais bárbara possível?

O suor escorria-lhe pelo rosto, misturando-se com as lágrimas. Mal conseguia ver, pois tinha os sentidos embotados e turvos, mas tinha de efetuar uma última tentativa de fuga, tanto por aqueles que a amavam como por si mesma.

— Por favor, ajudem-me. Alguém. Seja quem for. Não quero morrer...

Bateu com força na porta, recorrendo aos últimos resquícios de força para gerar um ruído capaz de despertar um morto.

— Salvem-me, por favor salvem-me. A seguir será uma de vós...

Continuou a açoitar o metal. Imaginava a tranca a subir de repente, a porta a abrir-se, ar fresco a entrar... mas não surgiu resposta do exterior, a cavalaria não veio em seu auxílio.

— Tenho filhos. Eles precisam de mim. Por favor, ajudem-me...

Selima deixou-se ir abaixo, ciente de que tudo estava perdido. Nunca mais veria o marido, não voltaria a pôr os olhos nos adorados filhos. Pior ainda, nunca saberiam o que fora feito da sua querida e ingénua mãe, o destino dela a tornar-se para sempre um mistério. Tivera a esperança de os ajudar, de livrar a família da pobreza extrema, mas nada obtivera para lá da sua própria destruição.

O calor era tanto agora que mal conseguia respirar. O cabelo colou-se ao couro cabeludo e ela vacilou até cair de joelhos enquanto as ondas de calor ferozes a açoitavam impiedosamente. Desfaleceria a qualquer momento, para ser consumida pelo fogo enfurecido, mas não morreria a amaldiçoar os seus captores, antes implorando a piedade dos seus filhos.

— Yezda, Rojan, Azwer...

No exterior, os seus gritos de desespero ecoaram pelo pátio deserto, antes de lentamente esmorecerem até se silenciarem.

DIA DOIS

Sentaram-se em silêncio, com os olhos colados na cena diante deles. Havia uma sensação de expectativa no seio da equipa, mas também de uma notória tensão. Todos sabiam que havia muita coisa em jogo.

A inspetora-chefe Charlie Brooks espreitou para o seu relógio e depois pegou nos binóculos, observando as docas lá em baixo. Do seu ponto de observação num armazém abandonado, os elementos da Equipa de Crimes Graves ali reunidos tinham uma vista panorâmica sobre o porto principal de Southampton, um aglomerado movimentado de camiões com reboque, contentores e gruas. Havia muitos pontos para onde olhar, mas faltava um elemento essencial.

— Ele está atrasado — sibilou Charlie, olhando de novo para o relógio. — Onde *se* meteu?

Deitou uma espreitadela aos colegas, mas também eles estavam espantados.

— O barco ancorou há duas horas. Ele já devia ter desembarcado — insistiu ela.

— Ainda há uns minutos confirmei com a equipa que está lá em baixo — frisou a inspetora Malik. — Contaram mais vinte e cinco camiões, mas até ver não há sinais dele...

A frase da jovem agente extinguiu-se, refletindo a sensação geral de frustração. Charlie sentia o suor a escorrer pela nuca e uma ansiedade crescente. As informações recebidas eram claras como água. Chegaria às 7h15 de barco um camião oriundo de Roterdão que transportava uma dúzia de imigrantes ilegais, escondidos em caixas assinaladas como contendo peças de automóveis. Eles tinham o nome do motorista, a matrícula do camião e até o ponto de encontro para onde ele deveria seguir depois de sair da doca. Como é evidente, Charlie tinha lá uma equipa a postos, mas queria resolver aqui o assunto, deitando a mão ao traficante antes de ele ter a oportunidade de abandonar a zona portuária. Fora isto

o acordado com a Guarda Fronteiriça, dado que a dica viera da linha de atendimento deles e eles pretendiam partilhar a glória.

— Quer que vá lá abaixo ao navio? Dar uma vista de olhos?

A proposta partira do inspetor James Roberts, um dos três novos agentes recrutados após a dispensa há seis meses de vários colegas da Equipa de Crimes Graves. Fora um dia negro na história da equipa — os três agentes masculinos revelaram-se dos piores exemplos de desonestidade, misoginia e incompetência com que alguma vez depararam —, mas o pior para Charlie fora a demissão apresentada pela sua amiga e colega, Helen Grace. Recaiu então em Charlie a incumbência de liderar a equipa, mas ao fim de meio ano ainda lhe parecia bastante estranho, com a ausência da sua mentora a revelar-se uma realidade desconfortável.

— Ainda não — respondeu Charlie, tentando mostrar-se determinada. — Só quando tivermos a certeza absoluta de que todos os veículos abandonaram o navio. Ele é um operador experiente, que conhece o local e as caras. Algo ou alguém que não lhe pareça familiar vai deixá-lo desconfiado. E, com todo o respeito, não te pareces em nada com um estivador.

O comentário pretendeu soar simpático, dado que Roberts era um jovem promissor, mas a piada de Charlie gerou apenas um sorriso embaraçado, como se o tivesse ofendido. A reação imediata dela foi desejar acrescentar algo, para salvar a situação, mas mordeu a língua. Não valia a pena piorar as coisas mostrando um ar excessivamente preocupado com um jovem agente. Estavam ali para cumprir uma missão e não para criar laços entre os elementos da equipa... e, todavia, Charlie teria adorado encontrar pontos em comum com os novos colegas. O olhar dela deslizou do inspetor Roberts para a colega dele, também recruta, inspetora Shona Williams, que baixou de pronto os olhos, como se pretendesse sublinhar a ausência de ligação com a nova chefe. Virando-se de novo para as docas, Charlie fez por esquecer o desconforto e levantou uma vez mais os binóculos, mas o nó no estômago não se desfez. Na verdade, instalara-se ali desde que Helen Grace se demitira.

A partida súbita da sua mentora fora mais do que um golpe pessoal para Charlie, fora na verdade um sismo que abalara a Polícia de Hampshire. Enfurecida com o que considerava ser uma cultura de complacência e encobrimento, Helen não poupou críticas aos seus

antigos superiores, fustigando na Imprensa local a superintendente-chefe Rebecca Holmes e outras figuras com altos cargos, acusando-os de conspiração para proteger um criminoso presente nas suas próprias fileiras. O alvo principal de Helen foram as altas patentes, mas todos os agentes da esquadra sentiram a bicada do ataque dela, deixando inquietos e furiosos os que ficaram. O moral estava em baixo, o ressentimento em alta e inegavelmente os novos recrutas da equipa ficaram abalados com as acusações condenatórias de Helen à força policial. Cabia a Charlie fazer com que se sentissem serenos, valorizados e até inspirados, mas até agora fracassara por completo.

— Inspetora Williams, podes contactar a equipa no ponto de encontro de Portswood? Confirmas se não há lá sinais de vida? Na eventualidade de ele ter passado sem vermos...

Shona Williams anuiu obedientemente, pegando no rádio e afastando-se. Mas foi uma ação na prática desnecessária, uma forma de quebrar o silêncio e ocupar o tempo, pois o troféu que perseguiam continuava a escapar-lhes. A cada segundo que decorria crescia a ansiedade de Charlie, ciente de que hoje não tinha postos em si apenas os olhos dos seus colegas de equipa. A sua chefe, a superintendente-chefe Rebecca Holmes, deixara bem claro que contava com resultados rápidos na luta contra o tráfico humano e a escravatura moderna. Com tantos recursos a serem encaminhados para Dover para lidar com os barcos pequenos, abriram-se novas oportunidades aos traficantes noutros portos da costa sul, com Southampton a revelar-se um ponto de entrada particularmente popular. As ONG estimavam que semanalmente entravam às escondidas pelo porto dezenas de migrantes ilegais, inundando a economia local com mão de obra barata e forçada e enriquecendo barões do crime por toda a Europa. Segundo políticos locais e o comissário da polícia, a situação estava a tornar-se intolerável, pelo que a mais quente das batatas quentes caiu nas mãos de Charlie. Necessitava de resultados, e já.

— Inspetor Roberts, se calhar *é melhor* dares uma vista de olhos. Algo aqui não me cheira bem...

O jovem agente pareceu surpreendido por Charlie contradizer a sua anterior ordem, mas ainda assim foi lesto a levantar-se. Charlie sabia que se arriscava a parecer tola e indecisa, mas a verdade é que ela *tinha* de saber. Se isto fosse um fiasco, se a Guarda Fronteiriça lhes passara

uma informação errada, não valia a pena prolongar o sofrimento. De qualquer modo, sentiu a barriga às voltas só de pensar no assunto, na ideia de terem sido em vão todos os preparativos e todo o esforço. Charlie dera grande realce a esta operação, exigindo a Holmes recursos extra e mais operacionais, prometendo em troca grandes resultados. Estava determinada a estabelecer a sua autoridade como nova líder da Equipa de Incidentes Graves efetuando a primeira detenção significativa. Mas com o decorrer dos minutos sem sinais do seu troféu, Charlie teve a sensação doentia de que fora tudo em vão, de que uma vez mais ficaria de mãos a abanar e embaraçada.

A sombra de Helen Grace nunca se manifestara tão intensamente como hoje.

Depois de respirar fundo, Helen transpôs as pesadas portas de vidro.

O átrio da Esquadra Central de Southampton estava caótico como sempre, com uma mistura de civis e agentes da polícia, as suas conversas criando uma mescla de alarme, antagonismo e frustração. Serpenteando por entre a confusão, Helen avançou rapidamente até à receção, sentindo-se de repente constrangida e exposta. Ao aperceber-se da aproximação dela, o sorriso animado do sargento de custódia Mark Drayton esmoreceu, claramente chocado por ver Helen de volta ao seu antigo território.

— Os meus olhos estão a trair-me ou o Elvis acabou mesmo de *entrar* no edifício?

Ele deu uma risadinha só para si, num tom malicioso e sarcástico, com a sua evidente satisfação face ao desconforto de Helen apenas momentaneamente contida, ao reparar nos cortes e hematomas na bochecha esquerda, uma recordação do encontro da noite prévia que nem a maquilhagem disfarçou. Na verdade, o impacto da luta violenta fora profundo, com Helen a sentir-se zozna, enjoada e letárgica, apesar de ter recebido alta do Hospital de South Hants ainda de madrugada. Regressara a casa para tomar um duche e trocar de roupa, mas nem assim se sentiu muito melhor.

— É bom ver que nada muda, Mark. Ainda te fazes rir a ti próprio.

— Se não fosse isso, o mais provável seria chorar — respondeu num tom calmo, observando-a com óbvia curiosidade. — E então, a que devemos a honra?

— Bem, eu... — Helen hesitou, bem ciente da estranheza da situação, mas então prosseguiu: — Eu queria participar um crime.

Desta vez, a reação do agente da polícia foi de surpresa, claramente abalado. Devagar, encaminhou as mãos para o teclado, sem desviar os olhos de Helen.

— E foi a Helen a vítima do crime? — questionou, cauteloso.

— De certa forma — respondeu Helen com cuidado. — Levei uma pancada forte na cabeça e ainda me sinto bastante mal, mas a verdadeira vítima foi uma mulher jovem. Foi atacada e raptada mesmo à minha frente.

— Percebo — prosseguiu o agente Drayton, franzindo a testa. — E quando foi exatamente isso?

— Pouco depois da meia-noite na galeria comercial de Bedford Place. Vi-a a ser atacada e intervim. Mas eles eram mais, portanto...

Helen manteve uma expressão neutra, disfarçando a sua mentira inocente. Não quisera revelar a sua estupidez de ter desviado o olhar dos agressores, uma desatenção que veio a revelar-se desastrosa. Onde estaria Selima agora? Estaria sequer viva?

— Então, o seu envolvimento foi uma mera coincidência?

— Exato, mas qualquer um teria feito o mesmo.

A reação do sargento de custódia sugeriu que duvidava imenso disso e por momentos Helen temeu que a acusasse de se armar em heroína, de procurar deliberadamente o confronto. Felizmente, ele não foi por aí e continuou a tomar notas.

— Assumo que não conhecesse a tal senhora?

— Nunca a tinha visto na vida. Não sei o que levou a que a atacassem, desconheço a ligação dela aos agressores, mas sei que foi selvaticamente espancada com uma corrente de bicicleta antes de ser enfiada nas traseiras de um furgão branco.

— Por acaso conseguiu ver a matrícula?

Helen abanou debilmente a cabeça ao ser de novo acometida por enjos.

— Marca e modelo?

— Não, lamento. Fui atingida na cabeça, não via nada com clareza.

Drayton assentiu lentamente com a cabeça, parecendo cada vez mais desconfiado, e acrescentou:

— Calculo que também não seja capaz de descrever os agressores com precisão?

— Nem por isso. Estava muito escuro, mas acho que um deles tinha cicatrizes na cara e um olho protético.

— E quanto à vítima? Sabe o nome dela? — persistiu Drayton.

— Apenas o primeiro nome... Selima? Teria uns 25 anos, cabelo preto, olhos castanhos, e tatuagens faciais únicas. Calculo que seja da Ásia Central, mas não dá para ter a certeza...

— E houve testemunhas da agressão? Além da Helen, claro?

Desta vez as suspeitas dele manifestaram-se claramente na sua voz. Helen sentiu-se de pronto tomada pela raiva, acentuada pela mera sugestão de que se equivocara ou, de forma mais chocante, que inventara tudo.

— Bem, na verdade até houve. Há um tipo que está à frente de um *kebab* na galeria. Ele estava lá, com certeza viu o início do ataque, e talvez também o rapto.

— Nome?

— Não faço ideia — confessou Helen, num tom de certa irritação. — Não falámos. Eu sofri uma concussão e estava estendida no chão...

Na sua visão periférica, Helen reparou em algumas cabeças a rodar. Estava ciente de estar a fazer uma cena, mas isso nunca a travara no passado, pelo que insistiu:

— Mas só há uma casa de *kebab* naquela galeria. Se lá enviases alguém, com certeza que ele fala convosco e confirma o que eu disse. Havendo câmaras de videovigilância ou de trânsito, também seria excelente ver as gravações. Devem ter uma boa perspetiva da carrinha e se calhar até do condutor.

Drayton parou de teclar, votando à sua antiga colega um olhar entre a diversão e a irritação.

— Bem, vou escrever o relatório e ver o que se pode fazer a partir daqui...

— Desculpa, agente Drayton, mas ouviste alguma coisa que eu disse? — Helen sabia que estava a passar das marcas, mas não conseguiu reprimir-se. — Acabei de denunciar uma agressão brutal e o rapto de uma jovem vulnerável. Alguém que pode estar neste preciso momento a correr imenso perigo. Que parte é que não percebeste?

Por momentos, o sargento de custódia fitou-a com curiosidade, as suas feições a serem ensombrecidas por uma vaga de fúria, até que se endireitou por completo.

— A parte que não percebo, Helen — reagiu, vincando o nome dela —, é aquela em que chega aqui, enquanto civil, e diz à polícia como deve fazer o seu trabalho...

— Olha, isto não tem nada que...

— A ordenar que investiguem um «crime» — prosseguiu Drayton num tom seco — sobre o qual parece haver poucas provas. Não é assim que funciona.

— Eu entendo isso — reagiu Helen, dando um passo atrás. — E peço desculpa se te ofendi. Mas a situação é urgente e temos de agir.

Assim que o disse, arrependeu-se, com o antigo colega a aproveitar de pronto o deslize.

— Temos? Já não há aqui «temos». Foi-se embora, lembra-se?

E ali estava, claro como água. Sob a atenção polida jazia um ressentimento a ferver em lume brando, uma raiva silenciosa pela decisão que tomara de deixar as forças policiais, de se demitir por uma questão de princípio, criticando publicamente os antigos superiores. A sua traição à tribo não fora esquecida, nem perdoada.

— Ora bem, mais alguma coisa? É que há gente à espera.

Helen deu a volta e passou por entre a multidão, apressando-se a cruzar o átrio e a transpor as portas deslizantes. Sentia-se zangada, envergonhada e amargamente desapontada. Deslocara-se ali numa missão urgente, com a esperança de que os seus feitos passados lhe valessem pelo menos ser ouvida por um oficial superior. Só que saíra de mãos a abanar, não se revelando benéfica ou bem-vinda a sua presença na Esquadra de Southampton. Agarrando-se ao corrimão, cambaleou pelos degraus ao sair para o sol primaveril, de novo acoçada por enjoos. Balançando momentaneamente diante do edifício de vidro e calcário, que lhe servira de refúgio ao longo de tantos anos, Helen virou-se para trás para o seu antigo quartel-general, para logo a seguir vomitar para o chão.

SEM ESCAPATÓRIA. SEM SALVAÇÃO. SEM NADA A PERDER.

Helen Grace sentia-se confiante por ter tomado a decisão de abandonar o seu lugar de inspetora de polícia. Isto até ao dia em que, pela janela, vê uma jovem a fugir em desespero de dois homens, após ter sido agredida com violência.

Impelida pela tenacidade de sempre, Helen sai a correr atrás dos atacantes, conseguindo alcançá-los em pouco tempo, e, por um breve momento, sente que não precisa de um distintivo para fazer o bem. Porém, enquanto conduz a vítima para um lugar seguro, é atacada pelas costas. Praticamente inconsciente, tudo o que consegue fazer é vê-la a ser arrastada para dentro de uma carrinha branca, que desaparece de vista.

Determinada a encontrar a jovem, Helen suplica por ajuda aos seus antigos colegas, mas de nada lhe serve, tornando-se claro que está por conta própria, tendo de colocar-se em risco, assim como a tudo aquilo que ama. E nessa corrida vertiginosa contra o tempo, Helen descobre rapidamente que, mais do que uma única vítima, há todo um grupo de mulheres a necessitar desesperadamente da sua ajuda...

«M. J. ARLIDGE É O NOVO JO NESBØ.»

JUDY FINNIGAN

Conheça a série *Helen Grace*:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.facebook.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-783-4



9 789895 897834